

Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 4 de Maio de 2020 - Ano: XXXII - N.º 1763 - Preço: 0,90 Euros - Semanário

Notícia lateral
O acontecimento
e o estado da

[Faded text columns]

Notícia principal
Aqui falamos de pessoas e eventos de todos
que nos interessam por ser interessantes e por
ser a origem de muitos outros

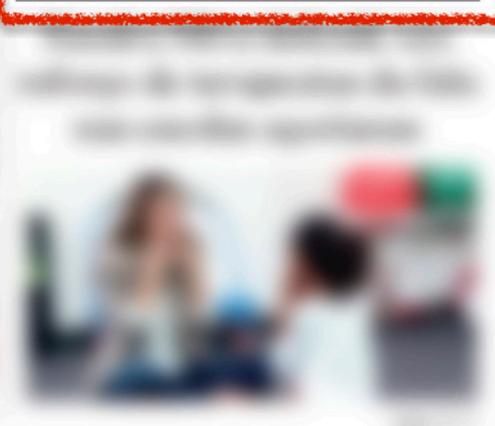


NOTÍCIA LATERAL

Notícia secundária
Notícia secundária de 2.º nível com conteúdo relevante
e conteúdo relevante

Notícia secundária
Notícia secundária de 3.º nível com conteúdo relevante
e conteúdo relevante

Intervenção em tempo de pandemia
“Os pais não são, nem têm
que ser, substitutos do
Psicomotricista”
pág. 10 e 11



Psicomotricidade em tempos de pandemia

Às famílias é pedido foco e muita persistência para evitar retrocessos na intervenção mas “os encarregados de educação não são, nem têm que ser, substitutos do Psicomotricista”

São técnicos que actuam no âmbito terapêutico, reabilitativo, reeducativo e/ou preventivo, em diversas situações ligadas a problemas de desenvolvimento e de maturação psicomotora, de comportamento, de aprendizagem e de âmbito psico-afectivo. Admitem que as famílias muitas vezes não têm conhecimento do trabalho que desenvolvem, mas após um primeiro contacto e os primeiros resultados, a questão fica ultrapassada. É por isso que em tempos de confinamento as famílias são o elo de ligação entre o psicomotricista e a pessoa que precisa de ajuda, dos 0 aos 100 anos, através de simples actividades do quotidiano realizadas com objectivos terapêuticos. Numa entrevista a quatro, as psicomotricistas Catarina Machado, Paula Botelho, Rita Neto e Andreia Silva, da Secção Açores da Associação Portuguesa de Psicomotricidade, acreditam que o apoio que vão dando à distância a quem precisa vai minimizar retrocesso e a maioria “serão situações ultrapassáveis a curto prazo. Infelizmente, outras poderão levar mais tempo ou divergir para outras complicações”.



Perante o cenário de pandemia que o mundo atravessa, de que forma os psicomotricistas podem ajudar quem está em casa em confinamento?

Podemos ajudar sempre, com maiores ou menores recursos. Neste cenário de pandemia os recursos podem ser diferentes dos habituais. A Psicomotricidade enquanto área de intervenção desenvolve a sua prática numa elevada multiplicidade de quadros clínicos, sendo indicada por exemplo para problemáticas que afectam os domínios da motricidade (global e fina), planificação, sequencialização e execução do gesto, percepção (auditiva, visual e táctil-cinestésica), tonicidade, orientação espacial e tem-

poral, lateralidade, organização prática global, pré-escrita ou grafismo, aquisição da leitura e escrita ou ainda comunicação verbal e não-verbal. Deste modo, a Psicomotricidade surge enquanto área científica que permite analisar de forma global a relação entre a forma como organizamos o pensamento, raciocínio, emoções (psiquismo) e a forma como o demonstramos, através do movimento (motricidade), sendo por isso imprescindível a participação e envolvimento activo do beneficiário bem como da sua família. A articulação com as famílias permite a manutenção de uma relação de proximidade e acompanhamento das pessoas com quem trabalhamos. Por vezes a necessidade de apoio não se centra apenas no

apoio directo prestado ao cliente, mas também aos restantes elementos da família, facilitando e respeitando a sua dinâmica própria, enquanto família.

A forma dos psicomotricistas chegarem aos clientes que estão em casa tem sido variada. São exemplo a realização e partilha de vídeos com desafios apelativos para as famílias, envio de actividades através de e-mail, criação de grupos privados nas redes sociais, contactos telefónicos e/ou por video-chamada.

A manutenção do contacto com as pessoas que estão em casa, permite-nos também perceber as dificuldades com que se estão a deparar e, em caso de necessidade, sinalizá-las para entidades

específicas.

O desenvolvimento da psicomotricidade é algo que pode ser “incentivada” apenas em crianças? Ou os adultos também podem beneficiar?

A Psicomotricidade é a área do conhecimento transdisciplinar que estuda o ser humano através do seu corpo em movimento, na relação entre as funções psíquicas e a motricidade, por isso é transversal à idade, sendo indicada dos 0 aos 100.

Os benefícios serão mais visíveis em crianças e na idade geriátrica?



Como referimos anteriormente a intervenção psicomotora é transversal à idade e os benefícios também. Trabalhamos sempre a partir das necessidades de quem nos procura, do diagnóstico clínico e do seu grau de comprometimento. Conhecer bem esta triade é a chave para um melhor prognóstico! Baseando-nos no conceito de neuroplasticidade poderemos julgar que uma criança poderá apresentar um grau de evolução mais visível, uma vez que a intervenção começa numa fase mais precoce da sua vida, contudo cada caso é um caso e o nosso foco na intervenção passa por trabalhar para a autonomia do paciente melhorando assim a sua qualidade de vida, sendo este último conceito específico de cada um. Por sua vez, o trabalho desenvolvido com a população geriátrica tem como foco principal retardar ou no mínimo estabilizar o processo de envelhecimento próprio desta fase da vida, promovendo assim um envelhecimento activo e saudável, o que enquanto profissionais nos dá muito alento trabalhar com o reconhecimento de quem merece ter uma terceira idade com o máximo de qualidade de vida.

Que actividades podem ser realizadas, em jeito de exercícios, para quem está em casa, crianças e adultos?

Os Psicomotricistas são técnicos muito criativos, e no âmbito da situação extraordinária que vivemos temos de adaptar e reinventar, incutir numa simples actividade do quotidiano objectivos terapêuticos (por isso qualquer actividade realizada em casa pode conter em si estes mesmos objectivos). Por exemplo, se dermos uma cesta de meias a uma pessoa e lhe pedirmos para as dobrar, ela terá de realizar uma série de acções para concretizar o seu objectivo, estando igualmente a trabalhar objectivos como a discriminação visual, a coordenação motora, a destreza digital, entre outros.

Fora deste cenário de pandemia, quem é que realmente precisa de acompanhamento ao nível da psicomotricidade? Quais as vossas áreas de actuação?

Os psicomotricistas podem exercer a sua

actividade profissional no âmbito terapêutico, reabilitativo, reeducativo e/ou preventivo, mas mais diversas situações ligadas a problemas de desenvolvimento e de maturação psicomotora, de comportamento, de aprendizagem e de âmbito psico-afectivo.

Que impacto pode ter essa falta de acompanhamento em psicomotricidade, para crianças e adultos, agora que a vida é feita praticamente em casa?

Podemos encontrar retrocessos no trabalho realizado e o agravamento de algumas situações. Contudo, temos esperança que com o acompanhamento à distância, seja possível minimizar essas consequências. Fazer programas de intervenção para serem aplicados por terceiros, geralmente pais, fazer contactos telefónicos ou vídeo chamadas, apesar de não ser o nosso modus operandi habitual, permite manter uma estimulação necessária para minimizar o prejuízo deste período extraordinário. O psicomotricista trabalha de forma integrada as funções cognitivas, sócio-emocionais, simbólicas, psicolinguísticas e motoras, não sendo por isso possível, de repente um "pai" passar a desempenhar estas funções com o mesmo grau de eficácia, e nem é esse o propósito. Os cuidadores, em contexto de Pandemia ou fora dela, não têm de passar a ser Técnico/Terapeuta/Professor, mas sim, elementos de ligação entre todos de forma a podermos sistematizar e consolidar aquisições. Nesta época que vivemos actualmente, este papel torna-se ainda mais intenso, sendo esta aliança e colaboração com os cuidadores essencial para o futuro sucesso da intervenção.

O trabalho que vinham desenvolvendo, quer nas escolas quer nas clínicas, pode ter consequências mais graves se o encerramento de escolas, clínicas/hospital se mantiverem encerradas e não houver acompanhamento? Ou é algo que depois pode ser rapidamente recuperado?

Cada bebé, criança, adulto ou idoso que acompanhamos tem um diagnóstico terapêutico, fruto de uma avaliação especializada na nossa

área e em conjunto com outros profissionais (médicos/terapeutas), apresentando diferentes graus de severidade. O prognóstico de cada um está intimamente relacionado com o factor "tempo de intervenção", podendo aqueles que têm um maior tempo de Intervenção Psicomotora apresentar um maior número de estratégias o que poderá permitir passar esta fase de forma menos penalizadora, mas cada caso é um caso, ou seja, as Perturbações do Espectro do Autismo não são todas iguais, as Perturbações da Aprendizagem Específicas vulgarmente chamadas de Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia não são todas iguais, as Perturbações de Hiperactividade/Déficite de atenção variam nas suas comorbilidades, as Perturbações do Desenvolvimento intelectual tem prejuízos em diferentes áreas. Todos os diagnósticos têm as suas especificidades, e para nós, cada pessoa que temos em acompanhamento é única. Queremos crer que com este apoio à distância vamos minimizar os retrocessos e a maioria serão situações ultrapassáveis a curto prazo. Infelizmente, outras poderão levar mais tempo ou divergir para outras complicações.

Agora que as famílias passam mais tempo em casa, e juntas, é importante que participem e incentivem para que o trabalho dos psicomotricistas que ficou em "standby" não seja tão afectado?

A maioria dos nossos clientes irá necessitar do apoio da família para a realização dos programas de intervenção propostos. Será necessário muito foco por parte das mesmas e muita persistência para que no final as consequências não sejam negativas. A realização destas actividades com a família é também uma forma de envolver em todo o processo de intervenção e tornar as actividades momentos de brincadeira, de jogo e de interacção entre todos. E isso, por si só, poderá ter consequências a nível emocional, quer para os familiares que se sentem "capazes" e assim mais interessados e envolvidos, quer para a pessoa sobre a qual recai a atenção, que poderá sentir-se mais motivada e, consequentemente, mais empenhada.

Mais uma vez apelamos ao bom senso, os encarregados de educação não são, nem têm que ser substitutos do psicomotricista, mas sim um elemento de ligação entre o profissional e a pessoa.

As novas tecnologias podem ajudar a psicomotricidade nesta altura de confinamento? Ou o "lápiz, papel e correr pela casa" continuam a ser as melhores ferramentas?

Na Psicomotricidade utilizamos o corpo como ferramenta de trabalho, pelo que nada substitui o toque, o sentir, o experienciar as actividades. Mas claro que as novas tecnologias são nossas aliadas, principalmente nesta altura de confinamento. Basta pensar no simples facto que nos permitem chegar aos nossos clientes, seja através de vídeo chamadas ou vídeos.

Nos Açores notam que tem vindo a ser cada vez mais solicitada a actuação dos psicomotricistas? Em que faixas etárias notam mais essa necessidade?

De uma forma geral os psicomotricistas têm sido mais solicitados, principalmente ao nível das crianças e jovens e também de adultos com

deficiência.

Há alguma dificuldade que sentem aqui nos Açores, ao nível do desenvolvimento da profissão? Por exemplo, falta de reconhecimento dos pais da necessidade dos filhos deste acompanhamento ou dificuldade em encontrar abertura das escolas para diagnósticos precoces?

A profissão de psicomotricista tem vindo a crescer e a "ocupar" o seu lugar aos poucos. Em relação aos pais, não diríamos que existe uma falta de reconhecimento, mas uma falta de conhecimento pois muitos desconhecem a nossa área de actuação, questão que é ultrapassada após o primeiro contacto directo com o psicomotricista e pelos resultados obtidos. No que diz respeito às escolas/instituições, a maioria reconhece a importância da nossa intervenção mas as questões orçamentais muitas vezes não permitem a nossa contratação, muito embora aqui na Região Autónoma, nos últimos anos vimos com muita satisfação muitos colegas ingressarem nas equipas escolares à semelhança do que vinha a acontecer com outros profissionais psicólogos e outros terapeutas.

Carla Dias

